

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Aposta do governo: taxa das blusinhas e escala 6x1 caem semana que vem

O governo trabalha para aprovar nas comissões, durante o esforço concentrado da próxima semana, as cinco prioridades acertadas com os presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), e da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB). Mas não acredita que todos os projetos serão aprovados agora.

Os comandantes do Congresso sinalizam ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no almoço da quarta-feira, 26, no Palácio da Alvorada, que pelo menos duas das cinco prioridades poderão ser aprovadas neste último esforço concentrado antes das eleições: a Medida Provisória (MP) que zerou a chamada taxa das blusinhas, e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que derruba a chamada escala escala 6x1.

O presidente Lula não desistiu das outras três prioridades e nem os presidentes da Câmara e do Senado avaliaram que não passarão. Mas chegaram à conclusão de que poderão ter mais dificuldades. São elas: a PEC da Segurança Pública; o Projeto de Lei (PL) que estabelece a política de minerais críticos e estratégicos; e o PL do Redata (Regime Especial de Tributação para Serviços de Datacenter).

Foi acertado que é possível aprovar esses três projetos nas comissões. Ficarão prontos para a pauta do plenário, mas precisam de

um tempo maior de negociações entre os partidos sobre seus conteúdos.

A ideia é tomar o pulso do Congresso sobre esses textos. Será posto em votação no plenário aquele que já tiver votos suficientes. Se nenhum deles tiver condições, fica para depois das eleições.

Mas a Medida Provisória da taxa das blusinhas tem que ser transformada em lei até o dia 8 de setembro. Por isso, a votação foi considerada como absolutamente urgente. A MP deu poderes ao Ministério da Fazenda para zerar o Imposto de Importação sobre remessas internacionais de até US\$ 50. Se caducar, volta a valer, em plena campanha eleitoral, a taxação de 20% sobre esses produtos.

Já a PEC da 6x1 (essa então!) é decisiva para o desejo do presidente de se reeleger em outubro. Ela é tão importante que fez Lula superar a irritação que tinha com Alcolumbre desde que o Senado derrubou a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Lula passou alguns meses rompido e sem falar com o presidente do Senado, mas acabou aceitando a intermediação dos ministros Alexandre de Moraes e Cristiano Zanin, do STF, para fazer as pazes com Alcolumbre. Sem isso, teria muitas dificuldades em aprovar os projetos de interesse do governo.

Após algumas reuniões em que voltou a se entender com Alcolumbre, o chefe do Executivo acabou fechando acordo com os presidentes das duas Casas do Congresso no tal almoço amigável da quarta-feira, 26.

Se tudo ocorrer como o esperado, os governistas crêem que Lula terá demonstrado capacidade de negociação política bem superior à do seu adversário, Flávio Bolsonaro.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

O retorno de Lacerda e Brizola

O lançamento simultâneo dos primeiros volumes de biografias de Carlos Lacerda e Leonel Brizola permite reiniciar o tenso e necessário diálogo entre esses dois grandes políticos, interrompido pela ditadura implantada em 1964.

Por uma dessas ironias — no, caso, também castigo — da história, Lacerda, golpista convicto e juramentado, colaborou para a derrubada de João Goulart para a interrupção de sua vida política. A primeira parte de sua turbulenta atuação é contada em “Lacerda: Coração de tempestade”, de Mário Magalhães.

Um dos grandes adversários do carioca, herdeiro do que costumava classificar de fio da história trançado por Getúlio Vargas, o gaúcho é retratado em “Brizola: Lobisomem contra o império”, de Karla Monteiro.

Ambos editados pela Companhia das Letras, os livros tratam de duas lideranças de atuação radical, que despertavam amores e ódios, que gravitaram em torno do eixo fincado por Vargas. Lacerda governaria a Guanabara; Brizola, o Rio Grande do Sul e, por duas vezes, o Rio de Janeiro.

Um deles foi o pivô da crise que levaria o ex-presidente ao suicídio; o outro, o homem que tentou atualizar o legado do conterrâneo que liderara uma ditadura afinada com propostas autoritárias de direita e que, anos depois, assumira posições mais compatíveis com o lado oposto do espectro político.

A chegada dos livros provoca um saudável debate em torno da república brasileira, da de-

mocracia, do papel dos militares. Permite também reflexões sobre intervenções que, sempre sob pretexto oficial de colocar ordem na casa, bagunçam de vez o processo democrático, feito de inevitáveis e necessários embates entre diferentes visões de mundo.

Ao interromperem o processo histórico, militares — associados a lideranças empresariais e civis, como Lacerda —, impediram que a própria sociedade definisse seus caminhos, que resolvesse suas diferenças.

Obrigado a partir para o exílio, Brizola voltaria 15 anos depois, ainda a tempo de retomar alguma protagonismo. Não conseguiria, porém, ser eleito presidente, acabaria derrotado em 1989 e 1994.

O destino seria ainda mais cruel com a carreira de Lacerda. O cancelamento da eleição presidencial pela ditadura jogou o líder da UDN para a oposição, ele chegaria a ser preso e teria seus direitos políticos cassados.

Em uma de suas típicas reviravoltas, articulou a Frente Ampla com os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart, que tanto combatera. Assim como estes ex-adversários, morreria antes de conseguir um retorno à política institucional.

Nas capas dos livros, ambas criadas pelo designer Alceu Chiesorin Nunes, Lacerda e Brizola discursam e têm o olhar voltado para o alto. É interessante colocar os dois volumes lado a lado, disposição permite forjar uma conversa entre os dois grandes oradores.

Uma discussão enfática, inteligente, dura, necessária e enriquecedora. Um debate importante sobre os rumos do país e serve de alerta para a necessidade de impedir qualquer outra tentativa golpista.

EDITORIAL

A tecnologia como um bem para a saúde mental

Nunca estivemos tão conectados. Em poucos segundos, é possível conversar com alguém do outro lado do mundo, acompanhar acontecimentos em tempo real e compartilhar opiniões para milhares de pessoas. No entanto, essa revolução tecnológica trouxe um paradoxo inquietante: enquanto a comunicação se tornou mais rápida e acessível, a saúde mental enfrenta desafios cada vez maiores.

As redes sociais transformaram a forma como as pessoas se relacionam, trabalham e constroem sua identidade. O ambiente virtual oferece oportunidades de aprendizado, entretenimento e interação, mas também estimula uma cultura de comparação constante. A busca por curtidas, seguidores e aprovação cria a falsa impressão de que o valor de uma pessoa depende de sua popularidade digital. Como consequência, sentimentos de ansiedade, baixa autoestima e inadequação tornam-se mais frequentes, especialmente entre crianças, adolescentes e jovens adultos.

Outro aspecto preocupante é o excesso de informação. A todo momento, notificações disputam nossa atenção, notícias se acumulam e opiniões divergentes geram conflitos permanentes. O cérebro humano, porém, não foi preparado para lidar com um fluxo contínuo de estímulos. A dificuldade em desconectar prejudica o sono, reduz a concentração e aumenta os níveis de estresse, comprometendo tanto a produtividade quanto a qualidade de vida.

Além disso, o ambiente virtual favorece a disseminação de discursos de ódio, desinformação e práticas como o cyberbullying. O anonimato e a sensação de impunidade tornam muitos usuários mais agressivos do que seriam nas relações presenciais. As consequências emocionais para as vítimas podem ser profundas, afetando o desenvolvimento, a confiança e até levando ao isolamento social.

Isso não significa que a tecnologia seja a inimiga. Pelo contrário, ela aproxima famílias, amplia o acesso ao conhecimento e oferece ferramentas importantes para educação, trabalho e atendimento psicológico. O problema surge quando o uso deixa de ser consciente e passa a dominar a rotina. É necessário estabelecer limites, incentivar momentos longe das telas e promover uma educação digital que ensine não apenas a utilizar as plataformas, mas também a compreender seus impactos emocionais. A verdadeira conexão não deve ser medida pelo número de seguidores, mas pela qualidade das relações humanas e pela capacidade de viver a tecnologia como ferramenta, e não como prisão.

OPINIÃO DO LEITOR

Lula cresce em SP

Pesquisa Quaest aponta, em São Paulo, ampla vantagem de Tarcisio de Freitas para Fernando Haddad. Até aqui sem novidade. Tarcisio tem a máquina nas mãos. Mas a força eleitoral do atual governador não impede o crescimento de Lula, no momento empatando com Flávio Bolsonaro no maior colégio eleitoral do país.

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal